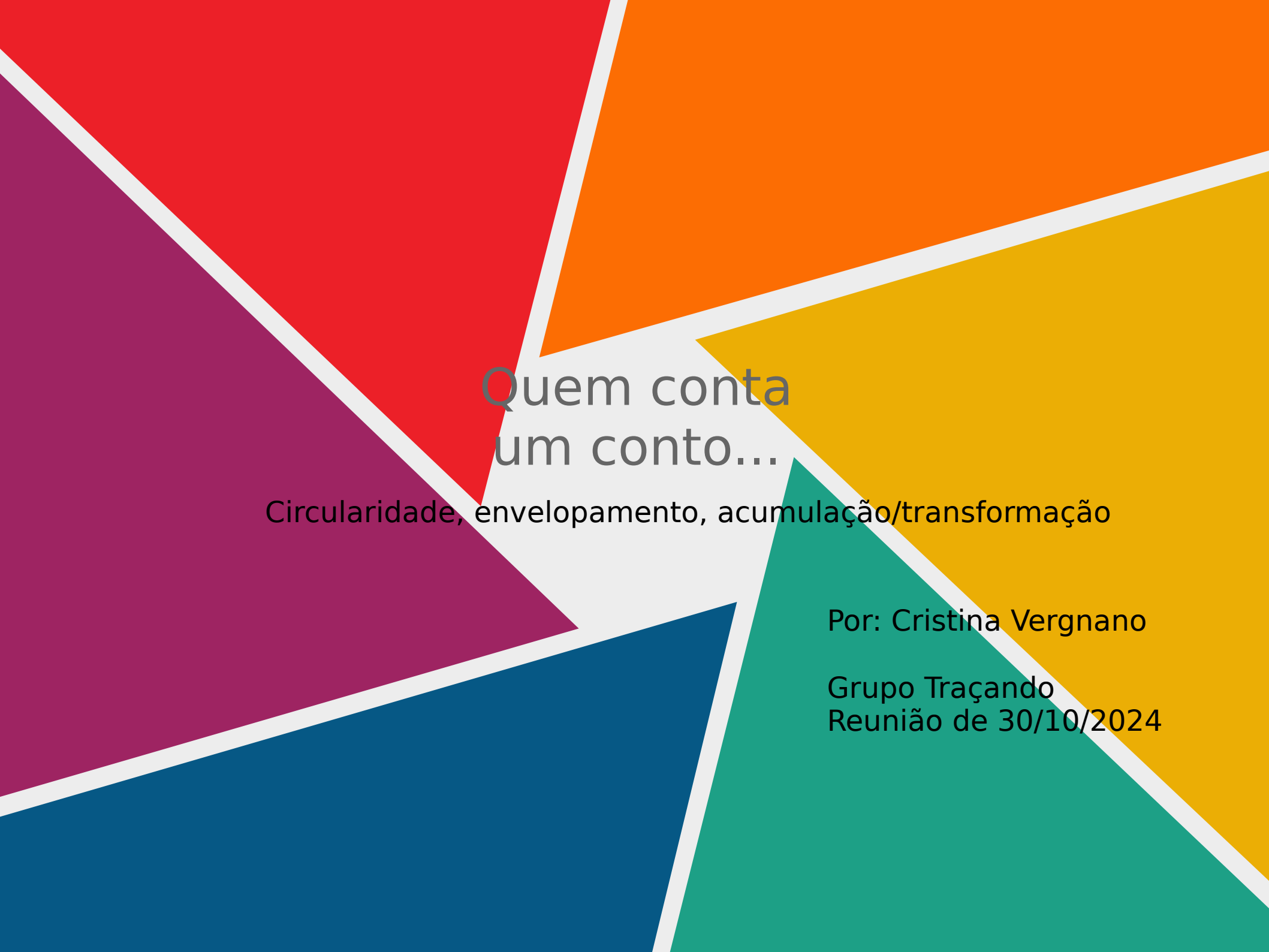




Quem conta um conto...

Circularidade, envelopamento, acumulação/transformação

Por: Cristina Vergnano

Grupo Traçando
Reunião de 30/10/2024

Narrativas circulares

- Início e fim se concatenam, mesmo que as frases não sejam exatamente iguais, como, por exemplo, “A moça tecelã”, de Marina Colasanti;
- O desenlace é apresentado desde o princípio, embora o leitor seja enredado de tal forma que se deixe levar e até espere final diferente.
- Importam o contar e os desdobramentos da trama, mais do que o resultado, que já é conhecido.
- A técnica desperta curiosidade no leitor, que deseja saber como a situação se desenrola e se haverá algo para modificá-la.

Narrativas circulares

“Acordava ainda no escuro, como se ouvisse o sol chegando atrás das beiradas da noite. E logo sentava-se ao tear.

Linha clara, para começar o dia. Delicado traço cor da luz, que ela ia passando entre os fios estendidos, enquanto lá fora a claridade da manhã desenhava o horizonte. (...)

Então, como se ouvisse a chegada do sol, a moça escolheu uma linha clara. E foi passando-a devagar entre os fios, delicado traço de luz, que a manhã repetiu na linha do horizonte.” (*A moça tecelã*, Marina Colasanti)

“A tarde já ia avançada, mas o sol ainda não havia colorido de dourado e cor de rosa o céu. Um frescor descia da mata na brisa suave. Um pouco além do sopé do morro, sentada num toco de madeira, na soleira de entrada de um barraco de paus e teto de zinco, estava uma mulher. (...)

Em meio às galhofas, como na chegada, as crianças partiram pelo caminho morro acima, cada qual para o seu barraco, encontrar a família e saciar a fome com o jantar de sempre. Deixaram ali uma Maria silenciosa. Naqueles olhos havia a sabedoria do tempo, a certeza de um dever sagrado e a cumplicidade com as forças da natureza, espelhos de uma magia que escapava aos protagonistas da História.” (*Oore yèyé o*, Cristina Vergnano)

Narrativas “envelopadas”

- Escolhi esta terminologia para indicar a presença de histórias dentro de outras histórias.
- Identifico, ao menos, três níveis ou planos nessas narrativas:
 - (a) um pode estar no plano da existência do narrador e outro no do que ele nos pretende contar, como em “Oore yèyè o”, de Cristina Vergnano, ou em “Águas de Nagasaki”, de Domingos Carvalho da Silva, sendo possível haver dois narradores distintos, um para cada nível.
 - (b) em um se pode contar a história explícita e noutro a verdadeira trama camuflada no relato e desvelada ao final, como em “*El muerto*”, de Borges.
 - (c) outro também podemos identificar na presença de histórias paralelas em narrativas mais longas, como romances ou telenovelas; em geral, seguem paralelamente à trama principal, envolvem personagens relacionados com os protagonistas e confluem para um ponto comum, entrelaçando-se.
- Muitas vezes o narrador nos introduz a história como algo verdadeiro (apesar de ser ficcional). Em outras, são conteúdos que ele próprio desconhece de todo, ou para os quais vai buscar comprovação.
- Há narrativas em que os dois planos se fundem, como em “*Continuidad de los parques*”, de Cortázar, onde ficção e realidade (a do narrador) passam a compor um único cenário.

Narrativas “envelopadas”

“Por uns segundos, Maria os encarou, entre séria e pensativa. Quem a visse não saberia dizer se estava avaliando o merecimento do pedido, ou já rebuscando na memória algum caso que valesse a pena ser contado. Após esse suspense, se voltou para eles, olhos nos olhos, e, em seguida, fazendo um amplo gesto com a mão esquerda falou: (...)”

Como eu ia dizeno pr’ocês, eu era uma moleca que vivia na senzala da família di sinhô majó. Um dia, eu tinha uns oito ano, o sinhô casou com uma sinhá e eu fui pra casa nova com eles. (...)” (*Oore yèyé o*, Cristina Vergnano)

“Que um homem do subúrbio de Buenos Aires, que um triste compadrito sem mais virtude que a ênfase da coragem, se interne nos desertos eqüestres da fronteira com o Brasil e chegue a capitão de contrabandistas, parece de antemão impossível. Aos que assim o entendem, quero contar o destino de Benjamín Otálora, de quem talvez não reste nenhuma lembrança no bairro de Balvanera e que morreu, a seu modo, de um balaço, nos confins do Rio Grande do Sul. Ignoro pormenores de sua aventura; quando me forem revelados, hei de retificar e ampliar estas páginas. Por ora este resumo pode ser útil.” (*O morto*, J.L. Borges)

“Não foi fácil arrumar em frases claras o emaranhado de palavras que se acotovelavam no papelório do nipão. Na verdade, reescrevi a carta, aproveitando-lhe as ideias e as informações, omitindo alguns elementos desnecessários, inclusive o meu nome, que se repetia na abertura de todos os parágrafos, estropeado mas reconhecível. A versão que aproveitei é a que tem início na linha seguinte.

‘Nasci em Chimabara, cidade plantada no lado oriental; de uma ilha perto de Nagasáqui, e tinha onze anos quando o Imperador entrou na guerra mundial.(...)’” (*Águas de Nagasaki*, Carvalho da Silva)

“Tinha começado a ler o romance uns dias antes. (...) Naquela tarde, (...) voltou ao livro na tranquilidade do estúdio que dava para o parque dos carvalhos. Refestelado em sua poltrona favorita, de costas para a porta que o teria perturbado como uma irritante possibilidade de intrusões, deixou que a mão esquerda acariciasse uma e outra vez o veludo verde e se pôs a ler os últimos capítulos. (...) A porta do salão, e então o punhal na mão, a luz das grandes janelas, o espaldar alto de uma poltrona de veludo verde, a cabeça do homem na poltrona lendo um romance.” (*Continuidade dos parques*, Cortázar)

Histórias cumulativas

- Desenvolvem-se a partir da repetição e acréscimo de elementos e situações.
- São comuns em certos contos tradicionais, folclóricos e/ou infantis, embora o recurso possa ser utilizado em outros contextos, como na ficção científica ou narrativas policiais, por exemplo.
- Possuem certo grau de circularidade, apesar de nem sempre seu final coincidir com o início, ou ser antecipado por ele.
- O aspecto lúdico, de jogo, faz parte dessa composição.
- Variações dessas histórias cumulativas poderiam ser aquelas que envolvem transformações sobre um mesmo tema, cenário, personagem, situação, com ou sem alteração de pontos de vista. Por exemplo, as histórias de viagens no tempo, com mudança da realidade, ou as que apresentam óticas de vários observadores sobre um mesmo acontecimento. Narrativas de ficção científica e policiais podem aproveitar essa técnica.
- Um exemplo curioso pode ser a retirada de elementos de um mote, como o poema usado por Agatha Christie em *“E não sobrou nenhum (O caso dos dez negrinhos)”*.
- São exemplos: “A formiga e a neve”, irmãos Grimm; “O domador de monstros”, de Ana Maria Machado; o filme do cinema “Feitiço do tempo” (*Groundhog day*); “12:01 PM”, conto de Richard A. Lupoff, adaptado para filme de tevê.

Histórias cumulativas

“Certa vez, uma formiga ficou com os pés presos na neve e disse:

- Oh, neve, tu que és tão forte que prendes meus pezinhos, solta-me!
- Não sou tão forte, pois o sol me derrete — respondeu a neve.
- Oh, sol, tu que es tão forte, que derretes a neve que prende meus pezinhos, solta-me!
- Não sou tão forte, pois a parede me encobre — respondeu-lhe o sol. (...)” (*A formiga e a neve*, irmãos Grimm)

“Era uma vez um menino chamado Sérgio. Um menino como você e eu, que às vezes tinha medo e às vezes era corajoso. Uma noite, antes de dormir, ele ficou olhando as manchas que a sombra das árvores lá fora iam formando na parede do quarto. Elas mexiam, mudavam de lugar, viravam figuras de monstros horríveis, horrendos, horrorosos.

Sérgio ficou com medo. Para espantar o medo, o jeito era conversar com o monstro:

- Você pensa que me mete medo, é? Só porque é feioso? Se ficar me olhando assim, eu chamo um monstro mais feio para te assustar. (...) E avisou:
- Aí vem um monstro de um olho só.

Quando Sérgio abriu os olhos, o monstro velho tinha ido embora da parede e lá estava o novo, de um olho só, olhando para ele. Aí Sérgio disse:

- Se ficar me olhando assim, eu chamo um monstro mais feio para te assustar.

Mas o monstro da parede nem ligou. Então, Sérgio avisou:

- Aí vem um monstro de um olho só e duas bocas. (...)” (*O domador de monstros*, Ana Maria Machado)

Histórias cumulativas

Poema que é sempre mostrado a cada morte que ocorre:

Dez negrinhos vão jantar enquanto não chove;
Um deles se engasgou e então ficaram nove.
Nove negrinhos sem dormir; não é biscoito!
Um deles cai no sono, e então ficaram oito.
Oito negrinhos vão a Devon de charrete;
Um não quis mais voltar, e então ficaram sete.
Sete negrinhos vão rachar lenha, mas eis
Que um deles se corta, e então ficaram seis.
Seis negrinhos de uma colmeia fazem brinco;
A um pica uma abelha, e então ficaram cinco.
Cinco negrinhos no forro, a tomar ares;
Um ali foi julgado, e então ficaram dois pares.
Quatro negrinhos no mar; a um tragou de vez
O arenque defumado, e então ficaram três.
Três negrinhos passeando no Zoo. E depois?
O urso abraçou um, e então ficaram dois.
Dois negrinhos brincando ao sol, sem medo algum;
Um deles se queimou, e então ficou só um.
Um negrinho aqui está a sós, apenas um.
Ele então se enforcou,
e não ficou nenhum.

("E não sobrou nenhum", Agatha Christie)

Alguns aspectos composicionais

- A circularidade pode retomar fragmentos completos do texto inicial para o fechamento da história, marcando-a tanto em termos de conteúdo, quanto de forma. Às vezes, porém, esse caráter circular não fecha perfeitamente o texto, retomando apenas a situação, ou chegando próximo a ela (numa espiral), podendo, inclusive, avançar na narrativa para sua conclusão.
- No “envelopamento”, o narrador propõem ao leitor uma história que está “fora” do seu momento, ou nível/plano da narrativa. Pode narrar tanto em primeira quanto em terceira pessoa, mas guarda “certa distância” (no tempo, no espaço, no envolvimento emocional) desse segundo conteúdo narrado.
- É possível, no “envelopamento”, aparecerem elementos que induzam a um suposto valor de verdade não ficcional do episódio contado, apresentados pelo narrador. Borges o fazia com frequência, inserindo, por exemplo, notas de rodapé inventadas ou citando documentos supostamente encontrados ou legados ao narrador.
- Também poderíamos considerar uma forma de “envelopamento” a existência de uma história dentro de outra contadas por narradores distintos, admitindo variação do foco narrativo (1ª ou 3ª pessoa, por exemplo).
- Nas histórias cumulativas, a repetição, que cresce a cada etapa, prevê certo ritmo, como uma cantilena. Pode incluir humor, desafios, *non sense*. A narrativa pode partir de um narrador externo aos eventos (3ª pessoa) ou do próprio envolvido (protagonista-narrador ou testemunha-narrador).
- Um sentido de acúmulo não requer necessariamente repetição exata com acréscimos, embora isso esteja na definição dessa classe de histórias. Abordar um mesmo acontecimento sob o olhar de diferentes personagens, trocando, por vezes, quem narra, também dá esse efeito de reiteração e acumulação. Até porque, ao se recontar algo, há a tendência a alterar ou acrescentar informação.

Proposta de atividade

- Crie um conto breve, explorando um ou mais dos aspectos de composição discutidos (circularidade, “envelopamento”, acumulação).

OU

- Escolha um tema cotidiano, revestindo-o de critérios de verdade, provocando a curiosidade do leitor e a dúvida sobre a situação e seu desenlace, numa situação de envelopamento.

OU

- Aproveitando o clima do Dia do Saci (ou do Dia das Bruxas, da tradição anglo-saxã), ambos comemorados em 31 de outubro, escreva uma história de horror/ suspense, aplicando algum dos recursos discutidos no encontro.